

Dia de guerra em Santa Teresa

A Revolta de Calhau, em 1898, marcou a história de São João de Petrópolis, num sangrento confronto entre negros e brancos

NELSON GOMES

SANTA TERESA – O Espírito Santo também teve seu Zumbi dos Palmares. O tropeiro, mascate e jagunço mineiro José Calhau, em 1898, decidiu pôr fim à tirania de um homem, que odiava os negros, fazendo Santa Teresa viver um dia de guerra.

O capitão José Luiz Vivaldi, um imigrante italiano, se divertia matando ou torturando os negros na comunidade de São João de Petrópolis, em Santa Teresa. Ele se sentia o dono da comunidade, que na época era conhecida como Barracão de Petrópolis.

Calhau, que era mulato, com outros 30 jagunços mineiros, invadiu a comunidade no dia 2 de

novembro de 1898, para um confronto direto com o capitão Vivaldi. Os 36 capangas do capitão – milícia de fazendeiros denominada Batalhão 36 –, pegos de surpresa, não tiveram tempo de reagir.

Muitos foram mortos a tiros e o capitão, mesmo ferido gravemente, teve a sorte de sobreviver. O episódio sangrento ocorrido em Santa Teresa passou a ser conhecido como “Jagunçada de Barracão” ou “Revolta de Calhau”.

O resumo desta história é contado por um dos descendentes do capitão Vivaldi, a bisneta Maria Auxiliadora Vivaldi Tononi, de 64 anos, a Dona Dorinha.

Ela destacou que seu bisavô era um escravagista e um racista extremado, que decidiu não cumprir a Lei Áurea, assinada

pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

Poucos anos antes de 1890, o capitão Vivaldi chegou a Barracão de Petrópolis e, na comunidade, implantou seu domínio militar, caracterizado pela hostilidade e o terror. “Ele era o mandachuva. Ninguém o contrariava. Todos obedeciam às suas ordens. Quem fosse contra ele estava assinando o atestado de óbito”, conta Dona Dorinha.

Ela enfatiza, porém, que seu bisavô tinha um “ódio imenso dos negros”. Há informações até de que, na entrada do povoado de Barracão de Petrópolis, havia um aviso: “O negro que brotar no início da vila, não crescerá do outro lado”. Nas terras de Vivaldi, os negros não eram livres.

Vivaldi manteve em suas terras o pelourinho – tronco onde os escravos eram chicoteados e torturados. O negro que tivesse a infelicidade de passar por Barracão de Petrópolis não vivia para contar. A exceção era o mascate mineiro José Calhau, que exercia a atividade de tropeiro, vendendo mercadorias.

Calhau foi esperto e se deu bem

SANTA TERESA – Coragem e astúcia foram fatores determinantes para que o jagunço José Calhau saísse vitorioso no confronto com o capitão José Luiz Vivaldi. Nas idas e vindas à comunidade de Barracão de Petrópolis, Calhau ficou sabendo dos horrores que o capitão impunha aos negros.

Ele decidiu que acabaria com a tirania de Vivaldi, preparando seu bando, de 30 homens, para o ataque. O plano chegou aos ouvidos de Vivaldi, que colocou de prontidão sua milícia – o Batalhão 36.

O jagunço mineiro, com o apoio de um italiano simpatizante dos abolicionistas, também fora informado de que Vivaldi descobrira sua intenção. Ele, então, espalhou o boato de que desistira do ataque.

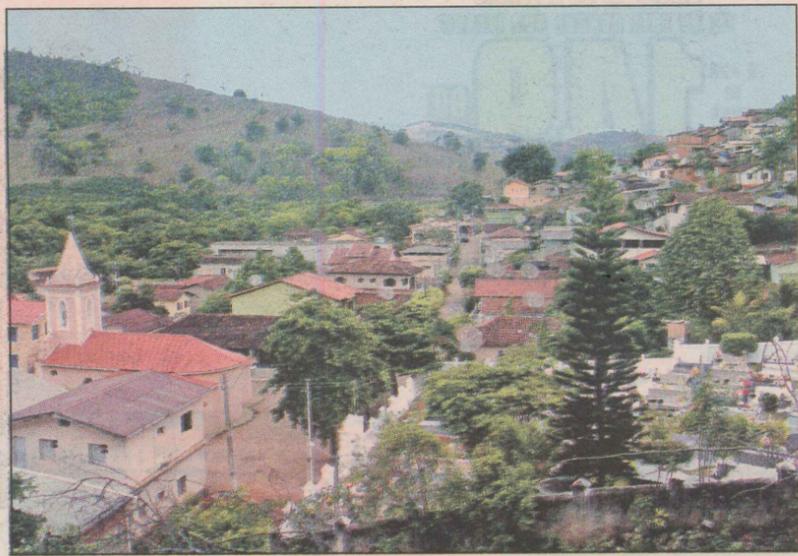
A armadilha deu certo. Vivaldi afrouxou a vigilância. Então, em 2 de novembro de 1898, Calhau e seu bando invadiram Barracão de Petrópolis, surpreendendo os capangas de Vivaldi. Muitos da milícia dele morreram. Não houve baixas no grupo dos invasores.

O bando de Calhau incendiou casas e até o cartório da região foi destruído. Ainda hoje há dificuldades para conseguir informações sobre registros feitos antes do ano de 1898 na região porque os livros foram queimados.

Calhau e seu grupo depois de dominarem Vivaldi em vez de simplesmente matá-lo, decidiram dar ao capitão o mesmo tratamento dispensado aos negros.

Vivaldi foi violentamente espancado e apunhalado diversas vezes. Calhau vendo o corpo disforme e todo ensanguentado do capitão decidiu dar a ele uma morte lenta e dolorosa. Para atingir este objetivo, ateou fogo no sobrado de Vivaldi, pretendendo que ele fosse queimado vivo.

Depois de atear fogo à casa, Calhau e seu bando deixaram rapidamente Barracão de Petrópolis. Vivaldi foi regatado pelos capangas sobreviventes do embate. Toda esta história foi narrada no livro “São Roque do Canaã – Uma História de Fé, Trabalho e Vitórias”, de Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss.



Vista de São João de Petrópolis, onde aconteceu o embate

O CAPITÃO

- O capitão José Luiz Vivaldi, um imigrante italiano, chegou a Santa Teresa pouco antes de 1890. Ele era militar e sua patente foi reconhecida pelo governo brasileiro.
- Em 17 de maio de 1893, ele foi nomeado capitão da Terceira Companhia do Quinto Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, responsável pela região de Cachoeira de Santa Leopoldina.
- Conforme relato da bisneta Maria Auxiliadora Vivaldi Tononi, de 64 anos, depois de ferido gravemente no confronto que teve contra Calhau e seu bando, Vivaldi foi levado para uma gruta, perto de onde hoje está localizada a Escola Agrícola Federal de Santa Teresa.
- Ele foi mantido na gruta por segurança. Lá recebeu tratamento médico. “Ele se recuperou, mas, como seqüela, meu bisavô ficou com um defeito físico no braço direito, que o impedia de tocar sua própria testa”, lembrou Maria Auxiliadora.
- O capitão Vivaldi morreu no dia 9 de novembro de 1939, aos 83 anos. Seus restos mortais estão hoje num túmulo simples no cemitério de São João de Petrópolis.

REPRODUÇÃO ÁLBUM DE FAMÍLIA



Dona Dorinha mostra documentos do bisavô Capitão Vivaldi

Caso com Dona Marta

SANTA TERESA – O jagunço José Calhau, que enfrentou o Capitão Vivaldi, era amante da fazendeira alemã Marta Emalina Adelaida Schimith Wolkart, a

REPRODUÇÃO ÁLBUM DE FAMÍLIA



Marta Emalina Wolkart

Dona Marta, que era muito temida na comunidade de Vinte e Cinco de Julho, em Santa Teresa.

Esta história vem sendo contada ao longo dos anos pelos moradores das regiões de Vinte e Cinco de Julho e São João de Petrópolis. Alguns deles, inclusive, acrescentam que o marido da fazendeira, o suíço João Sebastião Wolkart, acabou se suicidando depois que descobriu a traição de sua mulher com o jagunço.

Alguns dias antes de ocorrer o ataque contra o Capitão Vivaldi, Dona Marta hospedara em sua casa Calhau e seu bando, segundo contam os moradores das duas regiões.

Episódio é lembrado em festas

ACERVO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

SANTA TERESA – O resgate da história da “Jagunçada de Barracão”, ou “Revolta de Calhau”, vem sendo promovido pela Associação dos Moradores de São João de Petrópolis, em Santa Teresa.

Nas festas e eventos promovidos pela comunidade, os moradores encenam peças de teatro e realizam atividades, envolvendo principalmente os jovens, para relembrar o episódio.

“Este é um fato muito importante ocorrido em nossa região. Por isso queremos que as novas e futuras gerações conheçam esta história”, enfatizou o ex-presidente da Associação, Osmar Rodrigues de Oliveira, de 72 anos. Ele construiu sua casa no terreno onde ficava o cartório incendiado por José Calhau.

“É importante mostrar este fato histórico triste para que ele jamais volte a se repetir. A discriminação racial é uma coisa absurda e intolerável”, acentuou a bisneta do capitão Vivaldi, Maria Auxiliadora Vivaldi Tononi, de 64 anos.

Neste mês, os moradores estão relembrando os 110 anos da inva-



Encenação dos moradores

são de Calhau à comunidade. Eles também vão relembrar o Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro, que marca a morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. Zumbi foi líder de resistência à escravidão no Brasil.